

LEITURA: UM PROCESSO DE (RE)SIGNIFICAÇÃO

READING: A (RE)MEANING PROCESS

Vejane Gaelzer¹

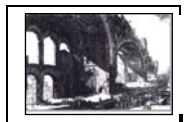
RESUMO: A proposta desta pesquisa centra-se na reflexão sobre a importância dada à leitura de textos literários não na constituição dos sujeitos da educação. Portanto, a escrita desta é fruto de leituras, pesquisas e diversas interlocuções sobre o processo da leitura, uma das instâncias de constituição do sujeito. Teoricamente, o trabalho está fundamentado em Bakhtin, Orlandi e Freire, e outros, como Bettelheim. Baseado neste estudo, propõe-se um outro olhar sobre a leitura e a importância dos textos, não apenas como leitura apática, de decodificação, mas leituras de (re)significação, de produção de efeitos de sentido para a vida e a constituição do sujeito.

PALAVRAS-CHAVE: processo da leitura, plurissignificação, textos, (re)significação.

ABSTRACT: The proposal of this research is centered in the reflection on the importance given to the reading of literary texts not in the constitution of the subject of the education. Therefore, the writing of this is fruit of readings, researches and several dialogues on the process of the reading, one of the instances of constitution of the subject. Theoretically, the work is based in Bakhtin, Orlandi and Freire, and other, like Bettelheim. Based on this study, he/she intends another glance on the reading and the importance of the texts, I don't just eat apathetic reading, of decoding, but readings of (reverse) significance, of production of sense effects for the life and the subject's constitution.

KEYWORDS: the process of the reading, meaningsplural, texts, (reverse) significance

¹ Graduada em Letras pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, pós-graduada em Informática Aplicada à Educação pela Universidade de Passo Fundo - UPF e em Estudos da Língua Alemã pela Otto-von-Guerick-Universität Magdeburg, na Alemanha, Mestre em Educação nas Ciências em 2005 pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ, aluna especial do Programa de Pós-Graduação em Letras, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS e professora de Língua Portuguesa Faculdade de Pedagogia na Sociedade Educacional Três de Maio – SETREM - e professora dos cursos de Direito e Administração na Fundação Educacional Machado de Assis - FEMA. E-mail: vejane@setrem.com.br



INTRODUÇÃO

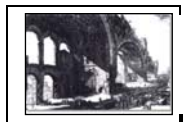
A leitura para muitos é considerada simplesmente um hábito, porém, restringir a leitura a um mero hábito é demasiadamente simplório, pois a leitura é um processo bastante complexo. Cabe ainda ressaltar que “nenhuma metodologia de leitura, moderna ou não, garante, por si só, a existência de leitores efetivos” (MARTINS, 1994, p.42).

Percebe-se, evidentemente, que o professor não precisa de tantos conselhos no que tange os problemas da leitura, pois ele sabe que seu aluno precisa ler. Urge antes de diferentes métodos e materiais, o conhecimento da historicidade de cada aluno sobre sua relação com a leitura, uma vez que a leitura precisa significar na vida do sujeito-aluno, no momento em que isso acontecer, torna-se indiferente o método para o aluno. O gosto pelo processo da leitura é que determina a própria prática.

1. O ATO DE LER

Ler é uma das competências mais importantes a serem trabalhadas com o aluno, neste sentido, muito tem-se discutido para desenvolver o gosto da leitura e de transformar o aluno em um sujeito-leitor, pois o processo da leitura transcende a simples decodificação, visto que ler é um ato de compor significados, de (re)significar. Segundo Neves (2000, p.22) “ler não é tentar decifrar ou adivinhar de forma isenta o sentido de um texto, mas é, atribuir-lhe significados”. Afinal, ler é um ato de atribuir significados e de produzir sentidos não só em âmbito escolar, mas também na vida, participando da própria constituição do sujeito. Portanto, a importância de introduzir a leitura no cotidiano da criança é fundamental para Bamberger (apud SOUZA 2003), “se conseguirmos fazer com que a criança tenha sistematicamente uma experiência positiva com a linguagem, estaremos promovendo seu desenvolvimento como ser humano.”

A leitura envolve muito mais do que os elementos lingüísticos presentes no texto, trata-se de efeitos de sentido, de subjetividade, de historicidade que estão presentes no processo da leitura. Conforme Rummelhart McClelland (apud DOLL, 2002, p.87):



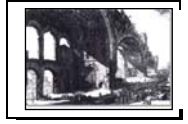
Die Gründe für diesen Wortüberlegenheitseffekt werden damit erklärt, dass das Lesen keinen uni-direktionalen Informationsfluss vom Text zum Leser darstellt (*bottom-up*-Informationen), sondern dass auch umgekehrt der Kontext, das Weltwissen und die Erfahrung des Lesers dessen Wahrnehmung steuern (*top-down*-Verarbeitung))²

Nesse aspecto, denota-se um elemento importantíssimo: o de significar, pois a leitura só terá valor aos nossos alunos no momento em que ela assumir uma posição sócio-axiológica³, isto é, significar nas suas vidas. Uma vez que a compreensão não se dá apenas no texto, há elementos pertinentes que interferem, como o contexto, o conhecimento de mundo de cada leitor e a sua historicidade. Daí a importância de um outro olhar, o da resignificação da leitura, podendo começar-se pelos textos literários. Também Paulo Freire (2003) ressaltava a necessidade de aprender a fazer a leitura do mundo, veiculando a linguagem e a realidade: a cosmovisão. Para tanto, é primordial contextualizar os textos lidos e explorar seus possíveis sentidos: a plurissignificação. Segundo Freire (2003, p.13) “[...] processo que envolvia uma compreensão crítica do ato de ler, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que antecipa e se alonga na inteligência do mundo”.

Também Bakhtin resalta a importância da língua ser percebida de forma contextualizada, inserida e compreendida dentro de um contexto sócio-histórico, e o mesmo deve acontecer com a leitura. Dessa forma, o professor, já nas Séries Iniciais, deve pensar a leitura não apenas como mera reprodução de informações ou uma simples leitura mecânica, mas procurar desenvolver o gosto da leitura e da imaginação, utilizando-se de textos literários. Pois “a tarefa mais importante e também a mais difícil na criação de uma criança é ajudá-la a encontrar significado na vida” (BETTELHEIM, 2006, p.11). Além disso, a leitura oferece um respaldo para a educação da criança, pois:

² As razões para esse efeito de reflexão das palavras são esclarecidas pelo fato do leitor não receber uma influência unilateral da compreensão do texto, apenas no texto, porém, há interferências do contexto, do conhecimento de mundo e a própria experiência do leitor que interagem e interferem na compreensão do texto. (tradução contextualizada sob a responsabilidade da autora deste artigo).

³ Expressão utilizada por Bakhtin (2003) para designar juízo de valor.



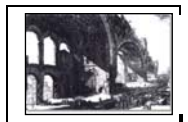
a criança tem uma base para compreender que há grandes diferenças entre as pessoas e que, por conseguinte, uma pessoa tem que fazer opções sobre quem quer ser. (BETTELHEIM, 2006, p.18)

Os textos literários são facilmente absorvidos pelas crianças e contextualizados, conforme a individualidade e a vida de cada um, em linguagem acessível, de modo que possam vivenciar e identificar-se com personagens, logo: significando a leitura. Uma leitura que não é mera reprodução ou decodificação, porém, algo significativo para a constituição de si próprio. Neste viés, a leitura assume papel importante na educação da criança, pois ela pode vivenciar ficticiamente muitas situações e assim preparar-se para a vida. Portanto, esse encontro de significado na vida e para a vida também pode se dar por meio de significativas leituras.

Neste sentido, “o texto literário é literário por permitir ao leitor transitar entre o mundo do escrito e do não escrito” (FERREIRA, 2001, p.44), e cada nova leitura novos significados são atribuídos, pois os significados mais profundos dos textos literários são “diferentes para cada pessoa, e diferente para a mesma pessoa em vários momentos de sua vida” (BETTELHEIM, 1980, p.21). Esses textos estão carregados de signos plurissignificativos e são atualizados a cada leitura com base na historicidade de cada sujeito.

As investigações do autor soviético, Bakhtin, apontam para a importância do texto – objeto do professor e do aluno – e o reconhecimento do papel do texto, como fulcro: lugar central de toda investigação sobre o homem, portanto, numa perspectiva de constituição do próprio sujeito “Quaisquer que sejam os objetivos de um estudo, o ponto de partida só pode ser o texto.” (BAKHTIN, 2003, p.330). Sendo assim, o texto literário pode desempenhar uma posição axiológica na vida da criança, ou seja, o valor da leitura, não só para o aumento do conhecimento, mas da observação de aspectos valorativos da vida e da capacidade de comunicação com o mundo.

Ademais, a leitura vai além do texto e começa antes do contato com ele, pois o leitor assume um papel atuante, deixando de ser apenas decodificador e ou receptor passivo. Isto porque, como já ressaltado anteriormente, cada construção do significado do texto baseia-se na historicidade de cada leitor. Além do mais, há outro elemento pertinente na leitura: a legibilidade do texto, ou seja, tanto o leitor quanto o autor ocupam um lugar



social que interfere na relação com o texto. Logo, a legibilidade do texto se constitui num viés imaginário dos envolvidos nesse processo da leitura e não como um objeto que contém o sentido em si mesmo e pronto.

A leitura de mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto (FREIRE, 2003 p.11).

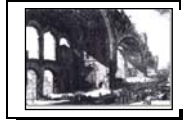
É nessa perspectiva que a leitura não pode simplesmente ser um hábito, é um processo que angaria vários elementos complexos e constitutivos da e na vida. Cabe ressaltar que as crianças chegam à escola, já sabem atribuir significado e valor às coisas do mundo a partir de suas experiências pessoais. Ademais, sabemos que a leitura de um texto, um livro modifica o sujeito, produz efeitos de sentido.

Implica considerar a relação com o “outro”, seja este um texto, uma idéia, um objeto ou uma pessoa, como algo que nos possibilita uma experiência, na qual modificamos esse “outro”, produzindo sentido a partir dele, e nos modificamos na interação com ele. (GROTTA, 2001, p.132)

Neste sentido, é pouco considerar, aproveitar apenas leituras de livros didáticos, que, muitas vezes, são apáticos para os alunos. Precisa-se historicizar a leitura dos e para os alunos, a fim de promover interação e gosto pela leitura, pois segundo Larossa (apud GROTTA, 2001, p.133) “na leitura e na escrita, o eu não deixa de fazer, de se desfazer e se refazer”. Dessa forma, a leitura é um processo que participa da constituição da subjetividade dos sujeitos. Daí a importância desse processo na vida das crianças.

2. A IMPORTÂNCIA DA MEDIAÇÃO DO PROFESSOR

Os professores de Língua Portuguesa, zelosos guardiães da língua, persistem nesse árduo e longo caminho, em fomentar o gosto pela leitura nos alunos. Porém, exige-se deles uma firme atitude de reação contra a ausência desse processo em muitas escolas, pois



corre-se o risco de tornar a leitura mera decodificação, sem significado, logo, um vazio para o leitores. Deve-se acrescentar que “as dificuldades apresentadas pelos alunos para ler e compreender os textos acarretam graves conseqüências para o processo de aprendizagem” (GROTTA, 2001, p.129).

Cabe ainda ressaltar que:

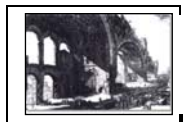
de nada adiantaria, sob o ponto de vista do ensino ideal, encurralar jovens nos chamados “cursinhos”, cuja função precípua, talvez única, seja adestrá-los pragmaticamente na técnica de preencher cartões-resposta (o “macete”, como dizem os alunos) a fim de obterem aprovação nos exames vestibulares. Os fins justificam os meios, pois não se estuda para aprender, mas para passar, e isto, em final de contas, é o que vale. □□□ Mas o desestudo, ausência de formação humanística e as deficiências de leitura não tisnam apenas estudantes e professores em nível de 1º e 2º graus.(XAVIER, 2003, p.3)

Esse procedimento não resolve a questão da leitura, pois é preciso também o professor conscientizar-se de que seu aluno, ao contrário do que muitos acreditam, ele lê, porém, seu interesse está diretamente ligado ao mundo em que vive. Há bastante leitura, entretanto, quase toda com informações o mais direta e explicitamente possível e, muitas vezes, descartável. Apenas a minoria é que lê obras raras, clássicas⁴. Os tempos mudaram, o mundo globalizou-se e encontrou na leitura dinâmica a eficiência e rapidez, porém, freqüentemente, esse tipo de leitura foge de exercitar o pensamento, pois através de leituras com maior grau de reflexão, ajudada pelo meio em que vivem, meio esse que mastiga as informações e elas são apenas engolidas. Seria interessante, se a maioria, tanto professores quanto alunos, pudessem discernir a leitura de entretenimento, acessível, rápida e dinâmica, da leitura cognitiva (do conhecimento), que requer um grau de concentração maior, visto as informações trazidas. (In)felizmente a grande maioria opta pela primeira leitura.

Outro elemento importante a ser retomado é a compreensão⁵. Bakhtin trabalha a concepção de que não se pode permanecer na explicação, deve-se ter uma compreensão do

⁴ Essa minoria que ainda lê os clássicos é considerada como uma herdeira de uma geração de velhos arrogantes e, atualmente, imprestáveis. Muitas vezes, são encarados com repulsa e preconceito, ou na linguagem dos jovens os “CDFs”.

⁵ Bakhtin não faz distinção entre compreensão e interpretação, de modo que a interpretação situa-se no mesmo nível que a interpretação.



texto, das obras. De modo que “na explicação existe apenas uma consciência, um sujeito; na compreensão, duas consciências, dois sujeitos. Não pode haver relação dialógica com o objeto, por isso a explicação é desprovida de elementos dialógicos (além do retórico-formal). Em certa medida, a compreensão é sempre dialógica.” (BAKHTIN, 2003, p.316). Se transferida para a situação escolar, fica evidente o processo que, algumas vezes, (talvez, na maioria das vezes) ocorre, predominando o processo da explicação, de uma consciência, logo, a do professor sem existir uma relação dialógica, um diálogo de diferentes vozes: professor e alunos. Esse diálogo possibilitará uma construção, um aprendizado a partir não somente da voz do professor, mas das diferentes vozes sociais presentes na sala de aula.

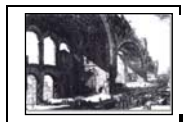
Também Paulo Freire (2003, p.18) destaca o processo de compreensão da leitura, pontuando que:

A insistência na quantidade de leituras sem o devido adentramento nos textos a serem compreendidos, e não mecanicamente memorizados, revela uma visão mágica da palavra escrita. Visão que urge ser superada. A mesma, ainda que encarnada deste outro ângulo, que se encontra, por exemplo, em quem escreve, quando identifica a possível qualidade de seu trabalho ou não, com a quantidade de páginas escritas.

O processo da leitura não se restringe apenas à sala de aula, pois ler bons livros é capacitar-se para ler a vida. Daí a importância de trabalhar com textos literários que possibilitam esse processo dialógico com outros elementos da vida, seja de cunho social, cultural ou histórico, que perpassam a constituição do sujeito, pois nele ecoam diferentes leituras, textos e vozes sociais. O sujeito faz uso de seus conhecimentos prévios. Então não são mais concebidos como uma atividade individual, mas passa-se a entendê-las como um procedimento social e histórico, pois são acionados nesses processos sistemas de valores, crenças, atitudes do contexto social do qual o sujeito faz parte e por meio do qual produz sentidos.

Para Bakhtin (2004, p.7):

O diálogo penetrou no âmago de cada palavra, provocando nela lua e dissonância de vozes [...] Essas vozes não se fecham nem são surdas umas às outras. Elas sempre se escutam mutuamente, respondem uma às outras e se refletem mutuamente.



Nesse viés bakhtiniano, é ressaltado o encontro das diversas vozes, o contato com outras vozes sociais, possível mediante a leitura. Logo apresenta-se uma questão relevante para prática pedagógica: o processo da leitura de textos (literários ou não) para a constituição do próprio sujeito e de encontrar um significado na vida, pois “a criança à medida que se desenvolve, deve aprender passo a passo a se entender melhor, com isso torna-se mais capaz de entender os outros, e eventualmente pode-se relacionar com eles de forma mutuamente satisfatória e significativa” (BETTELHEIM, 2006, p.12).

Nesse sentido, o desafio da mediação do professor para instigar ao aluno a produzir leituras, num processo de compreensão, conforme a historicidade de cada um. Desmistificando o caráter desnecessário dos textos literários, tanto no âmbito escolar quanto da própria vida, pois “o texto como reflexo subjetivo do mundo objetivo, o texto como expressão da consciência que reflete algo” (BAKHTIN, 2003, p. 319). Portanto, os textos não provêm de uma mera imaginação, estão embasados na constituição de sujeitos, na vida, sendo assim, de suma relevância.

3. CONTOS DE FADA: UM PROCESSO DE (DES)CONSTRUÇÃO

A leitura de conto de fada para muitos tornou-se obsoleta, acreditando que esse tipo de leitura não leva a nada, porque a vida neste mundo complexo, com o qual deve-se aprender a lidar, não é tão fantasioso como os contos. Engana-se que pensa que os contos não trabalham os elementos pertinentes à formação e obstáculos da vida. Antes, cabe ressaltar que:

os livros e as cartilhas onde aprende a ler na escola são destinados ao ensino das habilidades necessárias, independentemente do significado. A maioria da chamada “literatura infantil” tenta divertir ou informar, ou as duas coisas. Mas grande parte destes livros são tão superficiais em substância que pouco significado pode-se obter deles. (BETTELHEIM,



2006, p.12)

Enquanto os contos de fada:

através de séculos (quando não de milênios) durante os quais os contos de fadas sendo recontados, foram-se tornando cada vez mais refinados, e passaram a transmitir ao mesmo tempo significados manifestos e encobertos – passaram a falar simultaneamente a todos os níveis de personalidade humana, comunicando de maneira que atinge a mente ingênua da criança tanto quanto a do adulto sofisticado. (BETTELHEIM, 2006, p. 14)

Neste sentido, para Bettelheim (2006), os contos de fadas são mais complexos e abordam questões relevantes para a constituição da personalidade das crianças, lidando com “problemas humanos universais” (p.14). De modo que ajudam no processo de preparação para os conflitos da vida e “esta é exatamente a mensagem que os contos de fada transmitem à criança de forma múltipla: que uma luta contra as dificuldades graves na vida é inevitável, é parte intrínseca da existência humana” (p.14)

Como já apontado anteriormente, “as histórias modernas escritas para as crianças pequenas evitam esses problemas existenciais, embora eles sejam questões cruciais para todos nós” (BETTELHEIM, 2006, p.14). Os conflitos internos profundos originados dos nossos impulsos primitivos são, na maioria das vezes, negados na literatura infantil moderna e “assim a criança não é ajudada a lidar com eles” (BETTELHEIM, 2006, p. 18). Tem-se uma preocupação muito grande em proteger e protelar os sofrimentos da vida, que acabam criando uma falsa proteção, despreparando-a e desprotegendo-a para o curso real da vida. Maquiar a realidade para a criança, não a ajuda na preparação e na vivência dos percalços da vida.

O conto de fadas é orientado para o futuro e guia a criança - em termos que ela pode entender tanto na sua mente inconsciente quanto consciente – a abandonar seus desejos de dependência infantil e conseguir uma existência mais satisfatoriamente independente. (BETTELHEIM, 2006, p.19)

É importante promover imaginariamente situações que sugerem oportunidades, que nos levam a reflexão e identificação ou sentimento de pena para com a personagem. O importante é que haja uma reflexão sobre determinadas situações, que cedo ou tarde,



estarão presentes na vida. “Se tentarmos escapar da ansiedade da separação e da ansiedade da morte mantendo-nos desesperadamente agarrados em nossos pais, apenas seremos cruelmente forçados à separação, como João e Maria.” (BETTELHEIM, 2006, p.19).

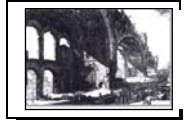
Ademais, segundo a concepção de Bettelheim (2006), “enquanto diverte a criança, o conto de faz esclarece sobre si mesma, e favorece o desenvolvimento de sua personalidade” (p.20). Nesse viés, é importantíssimo trabalhar com esse gênero de leitura, principalmente, significar a leitura, que ela tome de fato uma posição axiológica na vida das crianças. Além do mais, é uma leitura totalmente compreensível para a criança, pois “o conto de fadas não poderia ter seu impacto psicológico sobre a criança se não fosse primeiro a antes de tudo uma obra de arte” (p. 20).

A significação de leitura é diferente para cada pessoa, conforme a sua individualidade e leitura da palavra e do mundo. Neste sentido, “o significado mais profundo do conto de fadas será diferente para cada pessoa, é diferente para a mesma pessoa em vários momentos de sua vida” (BETTELHEIM, 2006, p. 21). Isso porque cada criança tem a sua singularidade, ou seja, pertence a uma classe social, o círculo de amigos, a escola, a família, as experiências, enfim cada qual tem a sua historicidade. Dependerá da historicidade para a história ser significativa, representar algo significativo ou não para a sua vida, “cada estória tem significados em muitos níveis” (BETTELHEIM, 2006, p.23). Para Bakhtin (2003) cada texto está perpassado por diversas vozes sociais que ecoam e significam, conforme a situação social concreta, o *locus* social, no qual o sujeito está inserido.

Neste sentido, cabe ressaltar que:

Os contos de fadas são tão significativos para as crianças, ajudando-as a lidar com problemas psicológicos do crescimento e da integração de suas personalidades – algumas limitações, sérias, mas necessárias têm que ser aceitas” (BETTELHEIM, 2006, p.23)

A importância dessas vozes na constituição da identidade das crianças é primordial, pois os contos “dirigem a criança para a descoberta de sua identidade e comunicação, e também surgem as experiências que são necessárias para desenvolver ainda mais o seu caráter” (BETTELHEIM, 2006, p.33). É nesse diálogo imaginário como essas vozes sociais apresentadas na leitura que a criança vai se constituindo. Diferenciando-se daquela que não



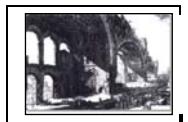
efetiva nenhuma leitura, logo, não trabalha seu imaginário, constituindo-se de outra forma. Diferente do que muitos pensam sobre os contos de fada, eles ainda são uma possibilidade de produção de efeitos de sentido, de entender determinadas concepções e obstáculos da vida e de experienciar o texto com base na sua historicidade.

4. PAVALRAS FINAIS

É importante frisar que a leitura realizada, na sala de aula (embora não se restrinja apenas ao âmbito escolar), deve não ser somente uma leitura mecânica, simples decodificação, e adentrar no campo do implícito e do metaplícito, trabalhar a criticidade no nosso aluno, para que ele não tenha apenas a função de “consumidor” de pensamentos alheios. Segundo Martins (1994, p.23), “à princípio nenhuma metodologia de leitura, moderna ou não, garante, por si só, a existência de leitores efetivos. A leitura conforme Orlandi (1988, p.9) ”é uma questão de condições, de modos de relação, de produção de sentidos, de historicidade”. Nesse sentido, a leitura pode participar da constituição do sujeito, portanto, constituir leitores não se deve considerar apenas os eventos de letramento, mas também todo contexto que permeia as relações do sujeito com a leitura e a escrita, a partir do seu lugar social.

É pertinente para os professores entenderem que a leitura requer (re)significação, sentido na vida dos alunos, por isso ela não é um mero hábito, como de senso comum para muitos, a leitura é um processo que produz sentidos, interação das vozes sociais. Para Orlandi (1988, p.10) “[...] o processo de significação do texto. Leitura e sentido, ou melhor, sujeitos e sentidos se constituem simultaneamente, num mesmo processo”.

Resgatar o gosto pela leitura é antes mais importante do que diversificar os métodos de trabalhar a questão da leitura. A partir do momento em que a leitura significar para a vida do sujeito-aluno, ela tomará proporções diferentes e será percebida com um outro olhar. Para Bakhtin (2003, p.307) fica claro o teor significativo do texto, da sua leitura, porque o texto é antes de tudo “pensamentos sobre pensamentos, vivências sobre vivências, palavras sobre palavras e textos sobre textos”. Daí quanto mais textos os alunos puderem ler, mais estarão significando, pois segundo Bakhtin (2003, p.235) “o texto não é uma coisa sem voz”. A partir de olhares significativos a leitura do texto pode ser visto,



como uma possibilidade de (re)significar. Ressaltando a frase de Quintana “os verdadeiros analfabetos são os que aprenderam a ler e não lêem” (apud NICOLA, 1998, p.347).

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. Trad.: Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- _____. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2004.
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Trad.: Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006
- DOLL, Johannes. **Geschichtstexte verstehen in einer anderen Sprache**. Frankfurt: Lang, 2002.
- FERREIRA, Liliana S. **Produção de leitura na escola: por trabalho de efetiva interpretação do texto literário nas Séries Iniciais**. Ijuí: Unijuí, 2001.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. Marisa Lajolo (org.) São Paulo: Moderna, 2003.
- GROTTA, Ellen Cristina B. **Formação do leitor: a importância da mediação do professor**. In: Alfabetização e Letramento: contribuições para as práticas pedagógicas. Sergio Antonio da Silva Leite (org.) Campinas, São Paulo: Komedi: Arte Escrita, 2001.
- MARTINS, M. H. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 1994, Coleção Primeiros Passos, nº 74.
- NEVES, Iara(org.) **Ler e escrever: um compromisso em todas as áreas**. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2000.
- NICOLA, José de. **Literatura Brasileira: das origens aos nossos dias**. Volume Único. Editora Scipione. São Paulo, 1998.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Interpretação. Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Petrópolis: Vozes, 1988.
- YOSHIDA, Priscila M. **Redação sem medo: vamos praticar a escrita**. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2006.
- XAVIER, Ronaldo Caldeira. **Português no Direito: Linguagem Forense**. 15. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2003.



Travessias número 01
Pesquisas em educação, cultura, linguagem e arte.

ZANDWAIS, Ana. **Estratégias de leitura: como decodificar sentidos não-literais na linguagem verbal.** Porto Alegre: Sagra, 1990.